



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia comemorativa dos 50
anos de criação da Fundação Coordenação
de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior (Capes)*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 11 DE JULHO DE 2001

Meu caro vice-presidente Marco Maciel; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Parlamentares; Senhor Presidente da Capes, Doutor Theodor Berchem, Senhores e Senhoras agraciados; Senhoras e Senhores,

Quando o Presidente da República fala nestas ocasiões solenes, o discurso dele já vem preparado de antemão e já foi pronunciado pelos que o antecederam. Isso ocorre sempre. Como sou useiro e vezeiro na matéria, não me preocupo muito e não leio os discursos. Mormente hoje, em que estamos aqui em função de uma data que, realmente, como já foi ressaltado, tem um significado muito especial para todos os brasileiros, mas tem também para mim pessoalmente. Por uma razão muito simples: a única bolsa que recebi em minha vida foi a da Capes. Fui bolsista da Capes. Até fiz um relatório, que deve estar perdido e é melhor que esteja, a respeito do que havia feito nesta ocasião, que foi em 1961, em Paris. Mas isso mostra que a Capes nos toca, pelo menos a mim toca muito de perto.

Há outra razão que me leva a falar de improviso e que também tem a ver com algo que é mais sentimental e emocional. O prêmio que estamos agora atribuindo chama-se Anísio Teixeira, e a Capes é uma organização que teve a influência decisiva de Anísio Teixeira.

Muitos de nós, muitos que estamos aqui, conhecemos Anísio Teixeira. Não trabalhei diretamente com ele, mas ele organizou, em São Paulo, um centro de estudos e pesquisas educacionais. Não só em São Paulo, mas havia um em São Paulo. A Ruth foi funcionária deste centro. Fui do conselho diretor do centro de pesquisa do Anísio. Mais tarde, pude conviver com Anísio no Chile. Vez por outra, vejo referências de que o exílio foi dourado, não sei o quê. Eu me lembro bem do Anísio no Chile. Na casa do hoje Senador Artur da Távora que, então, se chamava Paulo Alberto, que era casado com a Baby, filha do Anísio. Nos fins de semana, às vezes, íamos lá conversar. Exílio é sempre triste – voluntário, involuntário, expulso à força, expulso porque não tinha mais condições de conviver, é sempre triste. Foi triste, também, a época em que o Anísio esteve por lá. Mas é sempre um momento, também, de aproximação, porque é um punhado de pessoas que, de alguma maneira, está desenraizada, e que passa quase todo o tempo evocando. Só depois de algum tempo as pessoas vão, progressivamente, se incorporando à vida dos países em que estão vivendo eventualmente.

Anísio passava por lá, não ficou lá. Mas era um homem de uma singeleza extraordinária. Na época, mesmo nessa época, não havia ainda uma compreensão total do significado da presença do Anísio Teixeira entre nós e do que veio a ser depois o seu legado. Ele seguia Dewey. Isso, para alguns setores da universidade, era um quase pecado. Um pensador americano, meu Deus? Já é ruim. Ainda mais com certa tendência ao pragmatismo, que é isso? Sem uma visão sistêmica, sem conhecer a filosofia da história, o destino da humanidade, não era alguém que se aceitasse com facilidade. Mas era alguma coisa que estava totalmente presa a um tema que foi referido aqui, que é nosso, de hoje: a democracia. Anísio foi isso, um apóstolo da democracia. E democracia, para quem lida com educação, é algo muito

complexo, porque na visão – não só do Anísio – dos nossos pioneiros na educação, o desafio que nós tínhamos aqui, muito elementar mas muito complexo era de dar educação a todos. A pregação fundamental era de como se generalizava a educação. Evidentemente, nós todos éramos da universidade, e da USP, meu Deus! Então, olhávamos tudo assim, com um pouco de auto-suficiência.

Mas os que, realmente, entendiam o processo educacional percebiam que era importantíssimo fazer a Capes, como Anísio fez. Era importantíssimo manter o CNPq, como foi mantido. Era importantíssimo termos as chamadas “ilha de excelência”, como até hoje temos. Mas tudo isso flutua no vazio se não tiver raiz na sociedade. E para ter raiz na sociedade é preciso que haja o que eu chamo uma revolução silenciosa, que ninguém vê, mas é fundamental: dar acesso à educação universal gratuita e pública à população. Era essa a pregação.

E nós sabíamos – Anísio sabia melhor do que todos nós, o Fernando de Azevedo, o Florestan Fernandes, ou o Lourenço Filho, ou todos os que foram os grandes educadores – que, em alguns países, aqui do nosso continente, já havia ocorrido uma reforma efetiva da educação. Córdoba era a palavra mágica. A grande revolução de Córdoba na Argentina. E o espírito reformista, que era o acesso à educação para todos. A Argentina conseguiu isso. Ainda agora, a Argentina está fazendo bolsa-escola, sabem para quem? Para quem está no curso secundário, porque o curso básico é assegurado. Nós tivemos que enfrentar, no Brasil, essa terrível tarefa de assegurar educação para todos. Hoje, as estatísticas variam um pouco, mas 97% dos nossos jovens em idade escolar estão nas escolas. É um passo importante. E ao estar nas escolas é preciso assegurar-lhes a permanência na escola. Daí a bolsa-escola, para que a família tenha algum recurso, nem que seja para incentivar a permanência na escola. Daí um programa que é alheio aos países mais avançados, que é a merenda escolar. Trinta e cinco milhões de crianças todos os dias recebem pelo menos um prato de comida nas escolas brasileiras. É talvez o maior programa nutricional que se conheça. São 35 milhões todos os dias. Há muito tempo, municipalizamos o programa. Então, esse

aspecto do sonho de Anísio Teixeira e de outros mais começa, friso, começa a ser atendido.

Ainda temos um outro problema a enfrentar, que é o da qualidade do ensino. Evitar a repetência, fazer com que o professor leigo não seja a base do ensino fundamental nas áreas mais pobres do Brasil, dar qualificação ao professor da escola básica, dar salário ao professor da escola básica.

Fizemos aí um programa especial para mudar. No Brasil tudo é assim: tem que se mudar a Constituição para se poder garantir, no fundo de apoio à educação, a possibilidade de aumentar o salário dos professores da educação básica nas áreas mais pobres do Brasil. Fizemos. Falta muito. Os Senhores que são luminares da nossa ciência e que têm, cada um, uma estatueta do Mário Cravo, e que têm, merecidamente, os que receberam merecidamente a medalha de prata referente aos 50 anos da Capes, sabem que falta muito. Mas sabem que este muito que falta precisa ser, realmente, construído, também, de baixo para cima, porque, disse aqui o Doutor Eduardo Krieger e com muita propriedade, o problema fundamental é da democratização. E esse problema requer esse esforço.

Agora, sabem os Senhores também, melhor do que eu, que esse esforço não é suficiente. Precisamos continuar mantendo tudo aquilo que é fundamental para que também os outros níveis do saber se desenvolvam. E não vou repetir os números que já foram aqui dito e reditos, mas o que é fundamental nesta matéria é que nós temos instituições que fazem 50 anos.

O professor que representa aqui para nós a cooperação internacional, Professor Theodor Berchem, é reitor de uma universidade alemã. Quantos anos tem sua universidade? Seiscentos anos. Estamos comemorando 50 anos. Bom, as nossas universidades são crianças. Recentemente, recentemente não, há uns três ou quatro anos, fui ao Tribunal de Contas, que comemorava cem anos. Quando aqui uma instituição comemora cem anos, como o Parlamento, é uma coisa extraordinária. E é. Mas lá tem seiscentos anos. Então falta ainda amadurecimento – e é natural – nas nossas instituições. Mas elas estão avançando.

Comemoramos 50 anos da Capes e, há pouco, os 50 anos do CNPq. É sempre bom comparar, não existe conhecimento sem comparação. Quando se faz uma comparação com o mundo, vê-se que aí nós não estamos tão mal assim. As grandes instituições de fomento à pesquisa, pelo menos na França e nos Estados Unidos, são contemporâneas do CNPq e da Capes. Foram fundadas nos anos 50: CNRS, a National Scientific Foundation, tudo isso foi mais ou menos do mesmo período. Evidentemente, isso foi baseado sobre universidades seculares. E nós, aqui, temos universidades que são dos anos 30. Escola sim, há mais antigas e algumas centenárias.

Mas é importante que tenhamos mantido uma instituição e dado continuidade a ela. Aqui estão muitos ex-diretores da Capes. Isso é algo muito importante, porque não é possível avançar na ciência, nem em nada, e muito menos avançar democraticamente, sem que haja instituições. Talvez o desafio fundamental dos dias de hoje seja a capacidade de juntar o fortalecimento das instituições com a participação crescente da sociedade e com a abrangência dos movimentos sociais. Ou simultaneamente se faz essas coisas ou uns matam os outros. As instituições podem estiolar os movimentos e evitar a participação, e os movimentos podem destruir as instituições e não ter como dar sequência aos seus bons desejos. Talvez seja essa a questão fundamental na construção da democracia nos países, não só no Brasil, no mundo de hoje. Como compatibilizar isso. A Capes compatibilizou isso.

Fala-se tanto de orçamento participativo, o que é muito bom. A Capes e o CNPq são exemplos de orçamento participativo. Os recursos não são destinados por arbítrio do Estado. São destinados com a participação grande da comunidade. Os comitês fazem as análises, decidem, etc. Então, são instituições que forjam mecanismos de fortalecimento da decisão institucional, estatal – no caso pelo menos ao mesmo tempo que se ampliaram para dar possibilidade à própria comunidade de interferir no processo decisório da instituição e participar da análise dos resultados da instituição através dos comitês de

avaliação. Isso é muito bom, isso é muito importante e isso é gestão democrática, isso é avanço institucional concreto.

Há, portanto, efetivamente, não apenas o ângulo quantitativo, como aqui foi mostrado, nos avanços havidos no Brasil, mas o ângulo qualitativo de demonstrar que estamos mantendo e expandindo instituições que são fundamentais para o avanço.

Evidentemente, sempre faltam recursos. No caso de ciência e tecnologia, o Ministro está aí e sabe. Estamos ampliando muito os recursos, e doravante haverá recursos, pelos menos momentaneamente, suficientes para atender às demandas, desde que se coloque a qualidade da demanda como exigência para a atribuição do recurso. Se se colocar a qualidade como condição, já haverá um pouquinho mais de restrição no acesso aos recursos. Os recursos serão disponíveis porque nós criamos fundos específicos taxando os setores, principalmente os privatizados da economia, para que eles contribuam para o desenvolvimento científico.

Os efeitos desse processo vão se fazer sentir no decorrer dos próximos anos, assim como os efeitos da generalização do acesso à escola também são efeitos que se prolongam no tempo e que não são, de imediato, nem percebidos pela sociedade, mas são a base do avanço democrático da sociedade.

Mas ainda falta muito. O Doutor Krieger e o Ministro também mostraram os avanços relativos à nossa ciência. Quando se vê em termos relativos, dobrou o número de trabalhos científicos publicados no exterior. Todos os dados que vêm, a respeito não apenas do número de artigos publicados, mas da quantidade de citações de artigos publicados por brasileiros em revistas no exterior, são positivos. Há um aumento razoável nessa matéria. E isso é importante, e isso avança.

Porém, quando se faz, como se faz freqüentemente, a famosa relação *per capita*, como temos 170 milhões de habitantes, tudo isso fica muito diminuído. E aí, na comparação, novamente se perde. Se se quiser analisar do ponto de vista estritamente do ângulo da ciência, pode-se dizer o que aqui foi dito: os avanços são consideráveis. E mesmo em termos relativos, no âmbito dos países em desenvolvi-

mento, a presença da ciência brasileira já é significativa. Poder-se-á discutir a transformação de ciência em tecnologia e a participação efetiva dos empresários nesse processo, pagando algo e não apenas recebendo favores fiscais, e também a, digamos, flexibilidade da comunidade científica e também das empresas, para que haja a transformação da ciência em tecnologia. Pode-se discutir. Os avanços de tecnologia não são tão marcantes quanto os avanços propriamente na linha da ciência, mas, de qualquer maneira, são significativos. Quando se divide pelo número de habitantes, isso cai muito.

Alguém poderá dizer: bom, talvez até no Renascimento, se fosse dividir pelo número de habitantes, cairia muito a produção, e a produção foi altíssima. Mas isso não resolve a questão. Porque é preciso dividir pelo número de habitantes, não por causa da vantagem intrínseca da produção científica, do êxito dela, mas pela questão com a qual comecei essa nossa conversa aqui: por causa da questão da democracia. Só haverá, realmente, uma medida efetiva de quanto a ciência está difundida quando, na percepção *per capita* – que pode ser injusta do ângulo da pura produção científica, mas não é injusta ao saber-se de que maneira, de alguma forma se criou tanta gente com doutorado, tanta gente com bolsa, tanta gente na produção da ciência e da tecnologia – efetivamente, apesar de termos 170 milhões de habitantes, no *per capita* nós formos bem.

Isso não vai ser um indicador da excelência da pesquisa feita aqui. Mas vai ser um indicador da excelência das transformações da sociedade, que passará a ser uma sociedade que incorpora mais sabedoria no seu dia-a-dia, porque, evidentemente, mais gente estará participando desse grande processo transformador.

Não digo isso para minimizar, pelo contrário, os êxitos obtidos. Somos os primeiros a reconhecer esses êxitos e a proclamá-los. Mas para mostrar como devemos sempre estar pensando ciência e democracia, instituições científicas e instituições coletivas da sociedade.

Não obstante, a Capes realmente merece os efusivos cumprimentos. Vi um número: são 160 funcionários, e um orçamento de 450 milhões. Dois por cento para a parte administrativa. Isso é algo que

também convém salientar. Não é só a Capes. Outras instituições são assim, como a Fapesp. E outras mais. Isso é importante, isso significa que, efetivamente, estamos tendo um gerenciamento da ciência que não absorve os recursos fundamentais da ciência.

De modo que, ao felicitar o Doutor Baeta Neves e os antigos diretores aqui presentes, eu também cumprimento os funcionários anônimos, para mim, mas certamente de conhecimento dos que estão no dia-a-dia lidando com a ciência, porque têm sido capazes de organizar um processo efetivo de atendimento à ciência com uma preocupação de não gastar excessivamente nos aspectos burocráticos.

Agradeço, evidentemente, ao ministro Paulo Renato, porque quando eu disse aqui que nós estamos fazendo um revolução silenciosa na educação se deve, em grande parte, ao empenho dele e do grupo enorme de seus colaboradores para que, efetivamente, pela primeira vez, se possa dizer sem demagogia que estamos sim dando acesso a todos. O ensino está se tornando gratuito, universal e público, a despeito de tudo quanto se possa ter dito sobre intenções que nunca existiram de privatização disso ou daquilo. Na prática, fizemos um ensino democrático e damos acesso. Ainda temos que melhorar a qualidade, o acesso, etc., mas estamos caminhando firmemente nessa direção.

Termino me dirigindo àqueles que estão aqui, alguns são meus antigos companheiros de 40, não vou nem dizer de quantos anos, alguns são de 50 anos. Eles eram crianças e eu já era professor. Mas de qualquer maneira são pessoas pelas quais eu tenho muito carinho. Fomos colegas de universidade como professores, alguns até foram alunos. Enfim, é gente muito próxima de toda a minha vida pessoal enquanto estive na academia. E outros, embora não próximos, eu acompanho. Eu mais ou menos sei o que estão fazendo. E mais ou menos gosto.

Acho que os que receberam esse prêmio são pessoas que realmente simbolizam o que há de melhor no Brasil. Não serão os únicos. Haverá muitos outros. E certamente os que não estão aqui sentados sentem-se perfeitamente representados e contentes de ver tanta gente boa, que fez tanto pela ciência e pelo ensino no Brasil.

Parabéns a vocês e muito obrigado.